

Flores para uma peregrina

Será que faz sentido ficar à toa olhando a paisagem detrás da janela embaçada pela chuva? E se houvesse, que sentido seria esse? O de relembrar o que existe abaixo do seu apartamento de cinco anos, o de ver como as gotas caem sem pressa, o de preencher a solidão? É, talvez esse seja o melhor sentido. Os carros parecem andar mais rápido, as pessoas entram e saem dos mesmos correndo se abraçando para o compartilhamento do guarda-chuva. Hora dessas sabiam ser solidárias. Mãe e filho, filho e pai. Gente causando tumulto na floricultura como se esse fosse o melhor lugar para se abrigar da chuva. Ver flores, sentir seu cheiro, ter reação alérgica ao pólen. Lugar desses se deve ir a pisadas rápidas, nada pior que pensar que se compra flores e não se ganha. Isso soou egoísta, mas é que estou farta de flores, chocolates, papéis de carta não cumprirem seu papel de impedir que eu me sinta só numa sexta-feira chuvosa. E amada. Sento-me na escrivanhinha que fica atrás da janela, ainda olhando a paisagem fixa. Qual o meu problema com flores e chocolates? Provavelmente o fato de meus bombons terem acabado e minhas flores murchado sobre a mesa da sala. Ou talvez a hipocrisia que circundou o último ritual que me fez ganhá-los. Levar um tapa na cara para receber um buquê de flores e uma caixa sofisticada de chocolates soou algo considerável. Deturpador. Será que posso ser tão corruptível a ponto de não ceder à minha dignidade em nome de uma convenção? Penso às vezes que mereci a bofetada, e algumas ofensas mais, mas não pelo motivo que “ele” julgou, e sim pela minha obscura passividade de ontem. O hoje é um dia diferente.

Vago pela sala, ponho músicas para tocar, blues em sua essência. Tombo meu corpo sobre o encosto do sofá e acabo por mergulhar nele por completo. Fecho os olhos e começo a pensar o que é ser mulher. Penso que é viver sobre a corda bamba do patriarcalismo rodeada por punhos fechados, temendo ousar um grito abafado. Recorro à história e percebo que o que o homem entendeu por gênero não passa de uma concepção cultural e antropológica que parte da diferença entre homens e nós, mulheres, adaptada a preceitos cujos alcances são os mais variados - desde os símbolos que caracterizam cada sexo (como o buquê de flores dado a mim), até o papel social dito mais conveniente a cada um exercer na sociedade. Nesse caso, não deveria eu abrir uma garrafa de vodca que comprei com o suor do meu trabalho, pelo simples motivo de eu ser uma intelectual fadada a receber bem menos que meu colega bem mais medíocre que é homem. Enquanto para mim a bebida revela humor carente e depressivo, para ele garante nada mais que charme e honra do bom homem que venceu na vida.

Em meio a esse tédio de pensar que não revidei uma bofetada de um punho fechado, e que continuei tentando não soltar nenhum grito abafado enquanto esse mesmo punho se abriu para me entregar um buquê de hipocrisia, começo a me indignar. Talvez me inserir em contextos de época diferentes possa amenizar minha indignação, afinal, sei que o que vivencio não chega nem perto ao que muitas mulheres anteriores a mim já passaram. Começo analisando que, partindo da ótica de que a mulher representa o sexo mais frágil, um patriarcalismo cada vez mais arraigado foi sendo construído, desvirtuando a correta interpretação da dualidade de forças existente entre homens e mulheres. Sou a princípio uma mulher primitiva que vive no tempo das cavernas. A força de meu pai, de meus irmãos, e do homem com quem tive alguns filhos é inegavelmente maior que a minha. Partindo do parâmetro das diferenças físicas e mesmo psicológicas, eles são lançados à “selva” dos animais ferinos, ao trabalho pesado da roça, à defesa da comunidade, enquanto eu e outras mulheres somos retidas ao cuidado do lar, dos nossos filhos, e a pequenas e limitadas atividades fora desse círculo. Um ordenamento nada mais que justo das atividades, em que somos poupadas por nossas limitações físicas e respeitadas por nossa comunidade. Somos prezadas por nossa capacidade de gerar filhos, e daqui a alguns anos, na História Antiga, muitos povos serão conhecidos por consagrar deusas e musas. Mas, a parte disso, somos submissas e já sofremos a projeção do homem que ainda nem aprendeu a falar cognitivamente.

O problema começa a aparecer quando minha comunidade, como muitas outras, começa a se desenvolver sem estar acompanhada de progresso social, com destaque para o nosso papel que pouco ou nada se diversifica, enquanto que vai sendo cada vez mais radicalizado em limitações impostas, que transcendem às naturais. Após o advento da escrita – os escribas são em geral homens – o papel do meu sexo vai ganhando a forma renegada, à medida em que um registro e uma produção cultural cada vez mais cultuam a figura masculina, focando a humanidade sobre a ótica desse sexo, tendo os homens o mérito dos grandes feitos históricos. Viajo para a Antiguidade Clássica, sou uma sábia que gosta de cultuar lendas de guerreiras. Vejo à minha volta sacerdotisas, sábias, filósofas, mas que ainda são subjugadas pela insígnia da família patriarcal. Dou um pulo na Idade Média:

nossas projeções que merecem destaque são na vida religiosa, como teólogas, freiras, dirigentes de conventos, embora também se encontre casualmente algumas poucas figuras governantes. Ainda somos subjugadas aos nossos pais, aos nossos irmãos e maridos, e além de toda a pressão social, temos medo do Deus que alguém nos disse ser homem.

Mas pela glória da razão, por nomes como René Descartes e John Locke, o advento do Estado moderno muda a concepção de mundo do homem. É certo que as principais correntes exaltam a força do “homem”, mas gostamos de acreditar que também nos incluem. Liberdade, fraternidade e igualdade: gostamos dessas palavras, sobretudo dessa última. Estou no século XIX, sou uma cortesã que sonha em um dia poder se libertar. Já dormi com muitos homens, já apanhei de alguns, mas gosto de ler livros. São a esperança que o pão não me dá. Pintores nos pintam em cenas de guerra, lutamos ao lado de nossos pais, irmãos e maridos, e queremos um mundo melhor que nos inclua.

A Revolução Industrial vem a todo vapor destacando ainda mais o papel do homem como gerente do capitalismo e como empreendedor de tecnologias (lembrando que a nós, mulheres, não é ofertado o direito à educação sistemática), o que acentua a opressão sobre nosso sexo. Agora não tenho mais um cercado para plantar e colher, migro com minha família para a cidade configurar em um proletariado que, a despeito das dificuldades enfrentadas até por homens, consegue ainda ser mais amargo para seres como eu. Começo a visualizar mais nitidamente a desigualdade entre os gêneros a partir da equiparação de salários e oportunidades. Lembro novamente do meu colega bem mais medíocre que agora deve estar usufruindo do seu salário bem mais alto que o meu. Trabalho como uma escrava, vejo outras tantas proletárias como eu, rasas e oprimidas. Se penso nas crianças, a situação fica pior. Direitos básicos que garantiriam o respeito às nossas limitações físicas não mais existem, e não bastando nossa maior suscetibilidade a exaustões e doenças, não podemos contar com direitos básicos como a licença maternidade. Viajo mais à frente e estou no Brasil, vendo tal conquista se materializar apenas com as leis trabalhistas de Vargas, já em meados dos anos 30 do século XX. Onde ficava todo o discurso de que mulher é o sexo frágil, em meio a essa situação? Engavetado pelo comodismo.

Depois de engajar em vanguardas feministas no século XIX, de superar a condição de cortesã que lia livros proibidos, e de pousar sobre o proletariado, sou agora uma mulher universitária que já viu outra semelhante votar. Escrevo uma carta ferina a um jornal, na condição de leitora, denunciando os abusos da lei que ainda proibia o divórcio no país, e sou premiada com uma coluna para falar de feminismo. Muita gente no Brasil nem sabe o que chega a ser isso, pois então explico que sua ideia é defender as potencialidades e particularidades da mulher, sustentado por bases teóricas em torno do objetivo de desmistificar a ideia de superioridade masculina e de promover a igualdade entre os gêneros. Entendo que muitos continuam sem entender, então começo a abrir mão de sociologia, história, psicologia e toda a ciência capaz de analisar o papel da mulher nas sociedades para construir meu trabalho. Cada semana é um artigo diferente, as mulheres já me reconhecem nas ruas, os maridos me olham atarracados, e já tenho a iminente sensação de que ficarei para tia. Não importa, tenho minhas leitoras, minha coluna, e ainda alguns simpatizantes que ainda não vedaram meu trabalho. Falo de restrição à propriedade e ao sufrágio, progressivamente sendo superada no país. A Constituição de 1946 comprovaria isso.

O século XX inaugura extensos progressos técnicos e mesmo teóricos, estendidos em campos diversos como a ciência, a sociologia, a política, e concretiza-se em acontecimentos históricos marcantes na configuração cada vez mais emblemática do capitalismo como o modo de produção que vem para ficar. A ditadura militar nos cala (e aqui incluo muitos homens), mas a tecnologia estampada em produtos a serem consumidos mais e mais pelas famílias provoca uma revolução nos lares e conseqüentemente isso traz reflexos às nossas vidas como um todo. Sou uma boa dona de casa, esposa de um burguês que prosperou na vida. Faço penteados metódicos de manhã porque sei que pouco se desgastarão. Os equipamentos domésticos parecem uma bênção, ao mesmo tempo em que mais e mais propagandas incentivadoras do consumo voltam seus olhos para mim e tantas outras. Programas de TV, revistas, artigos de moda, de decoração do lar movimentam um mercado feminino cada vez mais expressivo, e se a julgar pelas aparências, pudesse parecer que tudo isso iria nos calar para nossa condição, acabou mais por fomentar o contrário. Sei fazer a bela imagem da boa dona de casa, a que cozinha sobre sapatos de verniz porque se viu em alguma propaganda americana, mas sinto como nunca o vazio de ser apenas uma imagem de perfeição estereotipada. Sou cobrada por homens, por mulheres, por toda a sociedade. Não posso cobrar nada de ninguém, e as únicas coisas

que tenho ganhado nesses anos são bens ditos imprescindíveis para a imagem de família feliz que queremos passar. Sou feliz, pode-se dizer que sim, mas isso não significa que se deve parar por aí.

Entedio-me com a função de dona de casa e caio no movimento hippie que, mesmo em menor escala, acabou por afetar a nós brasileiros. Sou uma daquelas que usa os cabelos lisos cumpridos, saias longas e blusas à meia barriga e que choca os avós e tios pela filosofia transcendental. Estou num quarto protótipo da bagunça, fumando deitada sobre a cama ouvindo o belo som de Janis. Lembro-me da última passeata em prol da liberdade de expressão, me contorço ao pensar na retaliação dos militares. Estou em terra de estrangeiro, e rapidamente caio em um protesto contra o artificialismo das sociedades, o consumo massificador, a alienação das pessoas acerca das mazelas do mundo. Ergo dizeres de igualdade de gêneros, apoio o cara negro do meu lado que reivindica o fim do preconceito, penso com alívio que a Guerra Fria ainda não havia explodido o mundo. E peço pelo Vietnã, pelas tantas outras mulheres vietnamitas que são corroídas pela guerra.

Gosto de me sentir livre e ter a libertadora sensação de que estou aí para as convenções. Posso ser vista como muitas outras consideradas perdidas na vida, mas sei que quem me julga assim só pode ter a vista embaçada. Faço sexo libertador e escolho com quem fazer, as consequências remetem exclusivamente a mim. Fumo o meu baseado discutindo política com camaradas simpatizantes do feminismo, penso que a legalização do aborto é uma questão que não deve deixar de ser discutida, e digo sempre “vá à merda!” quando alguém vem me dizer que amigo negro não é amigo que se preze.

Na última viagem sou uma mulher que perdeu o namorado idealista e caiu num casamento de fachada. Voltei para o Brasil há alguns anos e não fumo mais meus baseados. A Guerra Fria acabou, a ditadura teve fim com os militares crápulas nos sorrindo nas esquinas, o Brasil rasteja na redemocratização. Sou uma mulher tentando galgar a hierarquia corporativa, a desigual equiparação dos salários e oportunidades que geram um abismo entre mim e outros homens como meu marido. Penso na condição das muçulmanas e vejo que tudo pode ser pior. As notícias dizem, os fatos revelam. Leio em algum lugar que a ONU lançou oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, colocando em pauta a promoção da igualdade entre gêneros num debate que vai desde a problemática do trabalho até a violência contra a mulher. Volto ao presente e rio ao pensar que treze anos depois essa condição arcaica ainda não foi superada.

Agora estou chorando em frente a um homem que me oprime e violenta. Tento emitir alguma palavra que amenize sua fúria, mas apenas sou mais espancada. Corro para o banheiro ouvindo os gritos de fora, me convulsiono pensando que o amanhã seria um novo dia, e que provavelmente seria tratada como se nada tivesse acontecido. Alguma amiga veria o olho roxo e tentaria me persuadir a procurar um, como diria, “sistema de apoio às mulheres vítimas de violência doméstica”. Conheço bem a Lei Maria da Penha, mas ainda sim teria medo. Meu marido, se fosse preso, voltaria rapidamente para casa e me espancaria ainda mais. Penso que talvez pudesse reverter a boca silenciosa, se punições mais efetivas fossem instauradas a crimes dessa natureza. Provavelmente é o que eu faria, mas enquanto isso fico sentada à porta do banheiro pensando que a essa mesma hora dezenas de congolezas estão sendo espancadas ou violentadas até a morte.

Volto à minha realidade e vejo que se passou horas. Resolvo tomar mais uma dose de vodca pelo peso dos pensamentos, vejo em cima da mesinha de centro meus livros de engenharia e dou um sorriso. Olho o apartamento à minha volta entregue só aos meus cuidados, sorrio. Vejo uma bagunça de copos e louças na cozinha e lembro com saudade da noite que ficou para trás. Sinto a deliciosa sensação de se aportar em um navio depois de um naufrágio, e constato que para chegar ao lugar que pretendemos, basta nos conscientizarmos de que somos agentes que tanto constrói preceitos para um convívio mais humano e igualitário da sociedade, quanto destrói os que não se adequam à ideia de um mundo mais justo e complacente com todas as diferenças, sejam elas de etnia, de religião, de orientação política, de estrato social ou de sexo.

Mas ainda assim, nem sempre o bem vence o mal. Nem sempre o tudo vence o nada. O nada seria um buraco negro que nos engole? Talvez. Sou a dona do talvez. Acho que nada é fixo, tudo depende de, é relativo a. Por isso vou me perguntando, e questionando até chegar a uma média que me deixe satisfeita. *Satisfeita* não seria o eufemismo de *conformada*? É, o blues não está ajudando. Sentou-me na escrivinha que fica de frente para a janela. Só falta o cigarro. O cinzeiro existe porque decora e socorre algum amigo. Lembro-me novamente da noite

de ontem que compartilhei com amigos. Falamos da Síria, da paquistanesa que irritou os talibãs por defender que as meninas também têm o direito à educação, do Brasil em crise política. Mas falamos também de esperança, de cinema, literatura. Dormi ligeiramente bêbada, um leve torpor nos pés e na mente. A ressaca da manhã não condissera com nada, parecera vinda de um porre tremendo que nunca tive. Agora podia estar bebendo, mas ouvi em algum lugar que faz mal à saúde. Saio da cadeira, a chuva parou. Sinto a boa paz que vem depois dos vendavais, a boa paz que se cumpre quando se fez alguma coisa. Fiz reflexões, acabei por levá-las a sério. Visto um casaco que a chuva deixou o frio, desço as escadas e dou com a rua. O tráfego está tranquilo, continuo caminhando. Chego à outra calçada agradecendo pela graça de estar viva, mesmo que ainda com perguntas e alguma saudade do que não tive.

E olho a floricultura que sorri para mim.